

— Não senhor. D. Julio foi amante da Peralta antes do duque de Roseta, e deu-lhe esses diamantes. Depois malquistaram-se. Soube-o Madrid inteiro. Ella, que é briosa, restituiu todos os presentes, e D. Julio, por avareza e contra o costume e brio dos hespanhoes, não só os recebeu, como que os aproveitou para o casamento! Póde imaginar a sensação que esta falta de delicadeza produziria no animo nobre da senhorita de Relta.

Foi-me necessaria toda a paciencia que me impuzera para ouvir taes calumnias; porém, dependendo o bom desenlace do drama da minha prudencia e habilidade com esta pequena vibora, fingi-me espantadissimo, e continuei a conversação.

— De sorte que essas joias foram preparadas por Daumont por ordem de D. Julio, e dadas por elle á Peralta?

— Exactamente. A senhorita mandou verificar, e Daumont, vendo o collar e os outros enfeites, reconheceu-os logo.

— Provavelmente Daumont disse por ordem de quem os fizera?

— Isso não. E eu lhe digo porque. O duque de Roseta tem estado sempre fóra de Hespanha. Ha pouco tempo que vive em Madrid. Quando começou a ter relações com a Peralta, ella mandou pôr as joias em casa de Daumont para que as vendesse ao duque. Este comprou-as, e fez presente dellas á Peralta, que embolsou o preço da compra, dando grossa

commissão ao ourives. Depois é que ella se malquistou com D. Julio, e que lhe restituiu as joias em um excesso de colera. Ao duque não sei que desculpa deu para explicar o desaparecimento daquellas preciosidades, e o ourives diz a todos que as fizera por ordem do duque, porque foi pago pela Peralta para fallar assim.

— Tudo isso me parece muito singular! E como pôde o barão saber tão curioso enredo?

— A Peralta, no fim de tudo, ri-se de D. Julio e do duque, e não é difficil, sendo generoso, saber della o que se quizer.

— Muito bem. Mas em que hora de generosidade desusada estava D. Julio, quando fazia a uma filha de marmore presentes tão ricos?

— Tão ricos? Ha quem diga que os diamantes não são verdadeiros. O Daumont trouxe de França pedras falsas, que enganam um santo. Aqui para nós, a opinião geral em Madrid é que D. Julio as pagou como falsas, e o duque como verdadeiras.

— Então isso sabe-se em Madrid geralmente?

— Como quer que se ignore um segredo da Peralta? Essas meninas e todos os seus segredos são propriedade publica. Eu nego sempre, quando me fallam em tal, mas não posso tapar a boca ao mundo.

— Estou espantado! D. Julio parece-me tão bom rapaz e tão nobremente educado, que me custa a crer tanta baixeza.

— Tambem eu não queria acreditar; porém, á

vista de testemunhos tão evidentes, tive que render-me, e assentei que devia dizer tudo á senhorita.

— Mas vamos lá, barão. Essas mulheres nem sempre fallam verdade. Se as joias fossem simplesmente eguaes ás da Peralta, sem serem as mesmas?

— Impossivel, absolutamente impossivel.

— Impossivel porque?

— Porque Daumont foi pago generosamente para não fazer outras semelhantes, e obrigou-se por contracto.

— Isso é verdade. Já o sabia. Mas se a Peralta apparecer de repente com as joias?

— Não tenho medo. Nesse caso, dou-me por vencido. O unico meio seria que o duque lhe dêsse outras, e já não póde porque está bastante empenhado. Esta Peralta custa caro.

— De modo que D. Julio é inteiramente indigno da mão da senhorita de Relta, e, nesse caso, o barão dispõe-se a substituil-o.

— Não me disponho senão a fazer com que ella não seja infeliz. Os meus motivos são como os seus. Agora, se ella me escolher, hei-de sustentar a escolha. Faltaria á minha propria dignidade se o não fizesse.

— Pois, barão, conclui eu, levantando-me e dispondo-me para me ausentar, eu preciso de tres dias para pensar neste negocio. Depois lhe direi se posso ser seu alliado ou se sou seu adversario.

— Tanto tempo...

— Tres dias é nada. Bem vê que eu fazia o melhor conceito de D. Julio, e preciso reflectir para me acostumar á idéa de que é um ente desprezível.

— Nesse ponto deixo a sua delicadeza apreciar. Faço-o juiz da questão.

— Aceito, e hei-de sentenciar com justiça. Nestes tres dias cada um de nós fica livre, como estava anteriormente, para fazer o que lhe aprouver. Póde ser que taes intrigas me enfastiem, e que eu me resolva a sair de Madrid, sem me importar mais o casamento da senhorita com D. Julio.

Com isto despedi-me do barão. Eram oito horas da noite. A carruagem de Lovera esperava-me á porta. Entrei nella apressadamente, e dei ordem ao cocheiro que me conduzisse a casa; porém, ao voltar a esquina da rua, fiz parar a carruagem, e disse ao criado :

— Depressa á calle de Alcalá n.º 315.

O automedonte estendeu o chicote aos dois cavallos, e, accrescentando-lhes os brios, poz-me em dois segundos á porta da casa que lhe indicára.

*De como fui a casa de Peralta sem ser seu conhecido, e vim a saber toda a historia das joias—
 Importancia da bagatella que se chama dinheiro—
 —Carta da Peralta—Resposta do barão.*

Madrid, 8 de abril de 1861.

A casa da *calle de Alcalá*, onde me conduziu o cocheiro, não se vê da rua. No sitio, onde devia estar, existe apenas um cancêllo rustico, como os que se encontram na entrada das propriedades ruraes inglezas perto de Londres.

Segue-se por uma vereda bastante larga, orlada de acacias ainda pequenas, e depois de contornar um outeirosito, que melhor poderia chamar-se ondulação suave do terreno, desce-se para um parallelogramo todo cercado de alamos, separados uns dos outros por viçosas roseiras. No centro, uma formosa magnolia presta a sombra das suas largas folhas aos que se sentam no divan de ferro, que circumda a parte inferior do tronco da arvore.

A relva, que se avista aos lados da vereda desde o cancello, e a vegetação vigorosa das arvores espantaria a quem, tendo passado em Madrid ha annos, ignorasse que os hespanhoes foram buscar o rio Losoia onde a natureza o collocára, e que, desviando-o do seu curso, o trouxeram á capital, abrindo-lhe novo leito no magnifico canal de Isabel II.

Esta obra admiravel, que eu vira já mui adiantada em 1854, fez-me lembrar que tambem os holandezes, logo que se apoderaram de Loanda e de grande parte da provincia de Angola, quizeram trazer á capital as aguas do rio Cuanza, e que este projecto, já em largo começo de execução, foi por nós desamparado e esquecido, como desamparamos e esquecemos tudo o que é util, para nos occuparmos só com frioleiras e disparates.

Os hespanhoes neste ponto levam-nos grandes vantagens. Disparatam nos negocios politicos como os portuguezes, e não nos ficam inferiores no delirio das paixões partidarias, porém não se esquecem das cousas uteis. Em quanto o homem politico diz no parlamento ou escreve nos jornaes o que lhe parece, e o que não devia parecer-lhe, não dorme a secretaria do Fomento, nem os engenheiros, nem os trabalhadores. Nunca as mãos doam aos hespanhoes pelo bem que fazem a si, e pelo bom exemplo que nos estão dando com a sua grande prosperidade material.

A casa da *calle de Alcalá* está na parte do paralelogramo, fronteira á vereda que desce para elle. É um *chàlet* suíço em toda a extensão de palavra. Os primeiros quartos são ao rez da terra; o andar superior é cercado de uma varanda. O telhado é como todos sabem.

Nos quartos da esquerda ao rez do chão havia luzes. O resto da casa parecia deshabitado. Dois cães, que estavam presos por correntes de ferro a duas casinhas de pau, deram signal de que havia gente no terreiro. Abriu-se a porta do centro, e appareceu um criado.

Dirigi-me para elle, e perguntei-lhe se a sr.^a D. Concha de Zarzua recebia áquella hora. Respondeu-me mui polidamente que não sabia, porém que iria perguntar, se eu lhe dissesse o meu nome. Dei-lhe um bilhete de visita, e accrescentei que a senhora não me conhecia, porém que eu era um amigo do duque de Roseta.

Nesta qualificação de amigo havia hyperbole da minha parte, mas a conjuncção dos tempos é tal, que todos os vocabulos andam afastados da sua significação ordinaria e obvia. Amigo era dantes um amigo. Hoje é um indifferente a quem se apertou a mão duas ou tres vezes, com quem se jogou o *écarté*, em cuja carroagem andamos um dia por acaso, com quem nos encontramos no theatro, nos bailes e na rua, e com quem ainda não brigamos, nem temos precedentes de grande quesilia.

Neste caso estava eu a respeito do duque de Roseta, que conhecêra em Paris no club de que ambos eramos sócios, e com quem tivera estas relações triviaes, que dão inquestionavel direito a uma saudação de chapeu, a um aperto de mão, e a uma pergunta distrahida ácerca da suade do individuo, e a respeito das novidades do dia.

O criado voltou, e mandou-me entrar para a salleta, illuminada com um grande lampião chinez, donde passei ao elegante sallão oval, onde a sr.^a D. Concha estava meio deitada em elastico sophá lendo á luz de um candieiro, cujo *abat-jour* côr de rosa dava aos moveis e ás paredes do aposento um aspecto suave, e como que mysterioso.

Physionomia finissima, tez branca, cabellos espessos e frisados, olhos negros, grandes e na verdade benevolentes, boca de creança, mãos mimosissimas e admiravelmente modeladas, foram os dotes physicos que immediatamente notei na formosa andaluza, que eu tinha a honra de ver pela primeira vez. E formosa era, com quanto mais devesse captivar pela suavidade do olhar, e pela distincção pessoal, do que pela supremacia poderosá da belleza artistica. Havia naquella mulher a suavidade e doçura dos arabes, a firmeza de intenções dos aragonezes, e a nobreza de porte tão commum nos castelhanos, mas todas estas qualidades passavam na physionomia á maneira de meteóros. Não eram côres vigorosas. Eram laivos; restos da riqueza

natural que o principio máo desnaturára e diminuíra.

Levantou algum tanto o corpo da posição quasi horisontal em que o tinha antes. Acolheu-me com agrado, e indicando-me a cadeira mais proxima, disse-me que os amigos do duque de Roseta eram sempre bem vindos em sua casa.

Já sabe o leitor que estamos no salão da Peralta, da mulher mais perigosa e temida, de que resam as chronicas escandalosas de Madrid, enlevo de todos os elegantes da capital, terror de paes, de tutores e de esposos, e zanga de um grande numero de mulheres de todas as classes da sociedade.

Puz de parte receios e perplexidades para me recordar unicamente do fim honesto e santo que me levára áquelle templo dos sacrificios illegitimos, e para me confiar na reputação de nobreza de alma e de bondade, de que, apesar de tudo, gozava esta formosa mulher.

Em poucas palavras disse-lhe que vinha solicitar o auxilio do seu bom coração em favor das duas familias que por uma intriga do barão de Nassot, em que ella figurava, se encontravam em situação dolorosa e afflictiva. Acrescentei que nenhum dos interessados neste negocio tinha o menor conhecimento da resolução que eu tomára de vir fallar-lhe, e conclui pedindo-lhe que na noite seguinte apparecesse no theatro com as celebres joias que lhe preparára o Daumont.

Ouviu-me com a maior attenção, ora sorrindo, ora dando á physionomia expressão de seriedade; e quando eu acabei de fallar, respondeu-me que o bairão era a perfidia incarnada, que possuia vaidade e ambição sem limites, e que o julgava capaz de tudo. Agradeceu-me o bom conceito que fazia dos sentimentos della, e vi que esta circumstancia lhe dera o jubilo que podem sentir durante um segundo os anjos rebeldes, ao entreverem lá dos abysmos um raio da luz celeste, de que os privou o crime.

Ao cabo destas expansões, calou-se, como que pensativa, e ficou assim por algum tempo. Não quiz interromper esta meditação. Pareceu-me que me não era desfavoravel. Porém, vendo que se prolongava, pedi-lhe desculpa de ter vindo fallar-lhe de negocio que me obrigava, na primeira occasião em que a via, a dar-me por sabedor das suas relações mais intimas.

Levantou os olhos de uma pequena bolsa de seda verde, entremeada de fio de ouro, em que os fixára, e disse-me, sorrindo com certo ar de tristeza, que nem pensára nisso, e que a minha intenção de fazer bem a uma menina e a um amigo me dava direito para tudo. E, no fim de contas, ajuntou ella: «Os meus segredos mais intimos sabe-os Madrid inteiro. Que importa que os saiba mais uma pessoa? Que tem que me fálle delles, se eu os sei?»

Ditas estas palavras em que transparecia a historia e os pezares da sua triste existencia, cahiu ou-

tra vez no estado de meditação de que a acordaram as minhas desculpas. Confesso que não atinava com a causa deste cogitar profundo, e se não tivera ouvido expressões benevolas ácerca dos noivos, imaginaria que no seu coração lutavam as idéas de generosidade com alguma tentação de vingança contra D. Julio. A minha posição começava a ser difficil.

Ella conheceu talvez que não podíamos prolongar por longo espaço esta scena muda, ou tomou depois de tão prolongado meditar uma resolução definitiva. É certo que, reclinando-se para o lado do sofá, que me ficava mais proximo, exclamou :

— Valha-me, Deus! É tão facil pôr umas joias, e ir amanhã com ellas ao theatro real, e, todayia, não sei se me será possivel fazel-o!

— E que circumstancia póde impedir essa boa accção?

— Uma bagatella! respondeu ella, sorrindo sem resguardo. Uma insignificante bagatella!

— E não poderá vencer-se obstaculo tão insignificante?

— Vou tental-o já.

Fiquei absolutamente confuso, sem presumir, nem sequer suspeitar que poderia ser este novo mysterio. Entretanto a Peralta pediu-me permissão para escrever. Traçou poucas linhas em um papel, fechou a carta, chamou um criado, e ordenou-lhe que levasse aquelle bilhete immediatamente ao barão de

Nassot, e que esperasse pela resposta. «Se elle não estiver em casa, que lhe digam onde está, continuou a Peralta. Não volte aqui sem resposta. Vá, e depressa.»

Puz á disposição do criado a carroagem que me esperava na rua, apesar de me parecer singular a dependencia de uma resposta do barão de Nassot para o pequeno obsequio que eu viera solicitar. Este pensamento de desconfiança foi momentaneo. Duvidar da Peralta em tal conjunctura podia ser injustiça cruel. Era, em todo o caso, falta de habilitade.

Emquanto o criado foi á casa do barão, conversei ácerca do paraizo terrestre que ella tinha sabido crear-se á entrada de Madrid, e fallei de tudo quanto me veiu á idéa, excepto do assumpto da minha visita. Ella é que voltou a elle para me dizer que D. Julio era um cavalheiro completo, mas que não era verdade que lhe tivesse dado diamantes. «Eu tive esses enfeites em casa antes de conhecer o duque, accrescentou ella, porque m'os mandou o Daumont para eu examinar, e confesso que cahi na fraqueza de os pôr antes de serem meus, em uma *soirée* a que assistiram quasi todos os rapazes de Madrid. Tivesse eu tido na minha vida essa unica fraqueza! Mais tarde é que o duque os comprou e m'os deu.»

N'este ponto, chegou o criado com a resposta. A Peralta abriu a carta, leu-a rapidamente, amarro-

tou-a na mão, e atirou com ella para cima da mesa com colera, pedindo-me logo perdão d'este movimento arrebatado.

—Eu sou filha de andaluzes. O sangue pôde às vezes mais do que a educação; mas, realmente, ha occasiões em que eu queria ser homem. Não era para brandir a espada, era para zurzir com um chicote. Leia essa carta. Não quero que vaidades pueris obstem a uma boa acção. Eu fiz o que pude.

Peguei na carta e li o seguinte:

«Amavel Concha!

«Se eu tivesse em meu poder as suas joias, não precisava de as trocar por outras. Levar-lh-as-ia o criado que trouxe a sua carta. Porém, quando me pediu sobre ellas o dinheiro que lhe arranjei, tive que recorrer a um homem com quem não tenho intimidade, e dei-lhe as joias em penhor. Não posso agora ir propor-lhe a troca que deseja.

«Pois a formosa Concha persuadiu-se que, se eu ainda fosse banqueiro, e tivesse os cinco mil duros, que lhe teria acceitado as joias? Confie mais no poder dos seus encantos, e na minha delicadesa.

«Eu tomo tanto a peito os seus interesses, que talvez lhe possa offerecer meio de obter em troca das joias o dobro ou o triplo do que ellas valem. Se esta proposição lhe agrada, queira indicar-me a hora em que posso ir explicar-lhe o modo de a rea-

lisar, e pôr aos seus pés os sempre inúteis suspiros do seu maior admirador.

BARÃO DE NASSOT.»

—Esse papel, dizia a Peralta, enquanto eu lia a carta, é a photographia de quem o escreveu. Mentiroso e mesquinho como um judeu! Vaidoso como um *parvenu*! E insolente como... um capitalista de hontem!

Quando acabei de lêr a carta, estendi a mão á Peralta, e apertei-lhe a sua com sincero enthusiasmo, exclamando:

—Delicado coração é o seu! Alma nobre como poucas!

—Não me lisongeie. O caso não é para tanto. Não sabe a historia da du Barry na igreja?

—Não me recordo.

—Pois alguém que a viu orar com fervor admirou-se, e fez-lhe conhecer o seu espanto. «Então eu, por ter um defeito, replicou a condessa, hei-de tel-os todos?» Eu digo outro tanto! O duque, continuou a Peralta, está empenhado. Quando elle me fez isto que chama paraiso terreal, affligia-me de o vêr gastar mais do que podia, e pesava-me de que a minha solidão não ficasse como eu a tinha imaginado. Empenhei então as joias mais ricas que possuia, porque eram as que eu usava menos, e não as desempenhei por não ter dinheiro. O duque cuida que as tenho guardadâs. Agora já sabe como as

cousas mais faceis se tornam impossiveis por causa de uma bagatella, da tal insignificancia a que chamam dinheiro, que é a felicidade de alguns, e o martyrio e perdição de muitos!

N'esta conjunctura, só havia um meio de vencer o barão, e de desfazer uma intriga tão astuciosamente combinada. Era indispensavel que Madrid soubesse que existiam dois collares iguaes, e isso não se conseguia sem arrancar as joias da Peralta das mãos do senhorito de Nassot.

—Estou cada vez mais encantado do que lhe escuto, disse eu a D. Concha. Agora peço-lhe que não pare no bom caminho que encetou. Consinta em que nós desempenhemos as joias.

—Eu consinto em tudo, replicou ella com voz submissa. Façam o que quizerem. A felicidade de duas familias está em primeiro logar do que a delicadesa e o brio de quem só póde allegar em segredo essas duas qualidades.

—Como é boa! Não se entristeça. Muita gente teria inveja da sua alma, se a conhecesse bem!

—Pois então quero pedir-lhe um favor. Se eu puder pagar esses cinco mil duros, não m'os hão-de rejeitar?

—Não receie desattenções de quem tanto lhe vae dever. A esse respeito póde fazer o que quizer.

—Bem. É que eu valho tão pouco! Parece-me que todos se riem do meu pundonor!

Em seguida pedi á Peralta que escrevesse uma

nova carta ao barão, dizendo-lhe que entregasse ao portador as joias contra os cinco mil duros que lhe seriam pagos por elle. Accedeu logo a este meu desejo com rapidez quasi febril, e ao pôr a penna no tinteiro, disse-me erguendo-se do sofá:

— Amanhã irei ao theatro real como deseja.

Despedi-me d'esta extraordinaria creatura, pedindo-lhe licença para vir vê-la antes de partir de Madrid. Obtida esta permissão, e assentado que o duque não saberia do desempenho das joias, para não obrigar o seu amor proprio ao sacrificio immediato d'essa quantia, sahi apressadamente de casa da Peralta. Eram 11 horas da noite. A carroagem conduziu-me ao theatro francez, onde as duas familias de Relta e de Lovera estavam assistindo á primeira representação da peça «Les Eifrontés» de Emilio Augier, que serviu de frisante prefacio á catastrophe do banqueiro Mirés, e que viera de molde para esta conjuntura.

O barão, a quem a carta da Peralta suscitára desconfianças, estava no camarote dos Loveras, conversando com M.^{me} de Landstein, e olhando para a senhorita de Relta, que no camarote immediato ouvia com apparente distracção não sei que conversação de D. Julio.

Antes que me fizessem perguntas, disse que fôra jantar á legação, onde havia algumas pessoas á noite, e que por isso chegára ali tão tarde. Para que este dito pudesse ser acreditado, tinha eu passado por

minha casa para vestir uma casaca, e pôr á pressa a indispensavel gravata branca.

Em um dos intervallos sahi com D. Julio para fumar. Conteilhe tudo em poucas palavras, e perguntei-lhe se tinha a somma necessaria. Respondeu-me que a podia reunir pela manhã, e que encarregaria um procurador de ir levar o dinheiro ao barão. Ponderei-lhe que o barão podia querer adiar, maiormente conhecendo o agente da casa de Lovera. Repliou-me que o procurador era de Burgos, e só estava em Madrid havia tres dias, e que, de mais, era homem intelligente, energico e capaz para a empresa.

D. Julio estava horrorisado da perfidia do barão de Nassot, e affirmava que uma tramoia tão iniqua carecia de castigo exemplar. «É necessario, desmascaral-o, expulsal-o de nossa casa, e dar-lhe uma lição corporea!» dizia elle, tremendo de raiva.

—Nada d'isso pôde ser, meu D. Julio. Eu accetei o almoço do barão para penetrar melhor na iniquidade e vileza d'aquella alma. Conségui o que desejava, porém fiquei moralmente obrigado a proteger-lhe os ossos, unico objecto que elle ama e respeita. Queira Deus que amanhã não arme alguma traficancia para não restituir as joias!

Nesse instante abriu-se o camarote de Lovera. Era o barão que sahia. Entreguei a D. Julio a carta da Peralta, e o recibo das joias assignado pelo senhorito de Nassot, que ella tambem me dera, e fui

fazer cumprimentos mais prolongados ás senhoras.

Não contei cousa alguma á Pepita, nem á allemã. Pedira mesmo a D. Julio que não referisse o resultado dos meus trabalhos. Tambem não me deram logar para lhes dizer as novidades do dia e da noite, porque cada uma d'ellas queria ser a primeira a narrar-me o grande acontecimento que tão alegres as puzera a ambas.

Era pouco mais de nada á vista do que eu tinha para dizer. O barão, depois de continuar a fazer a côrte a M.^{me} de Landstein, acabou por entregar-lhe uma carta, que as duas amigas ardiam em desejos de lêr, não tendo tenção de a abrirem.

—Não posso, na verdade, atinar com a politica do tal barão. Elle quer a senhorita de Relta, e entrega cartas a M.^{me} de Landstein! Não entendo.

—Margarida é um bom casamento, e a nossa condessita viuva uma formosa pessoa, respondeu com malicia Pepita de Lovera. O barão é um D. João.

—Talvez, mas em prosa ordinaria. Eu cá estou sempre na mesma. É tolo e mão, até n'isso! Mas o ausente?

—Chega amanhã; interrompeu M.^{me} de Landstein com um alegre sorriso.

—E já não vem sem tempo, ajuntou Pepita. Bem vê o que por cá vai!

N'isto acabou o espectáculo. Depois de metter as senhoras nas carroagens, fui para o Cassino com

o barão, que tentou por todos os modos saber, se a proposta da Peralta me era conhecida ou fôra aconselhada por mim. Elle não me queria confessar que tinha as joias em seu poder, e, por isso, só pôdia empregar exforços indirectos para satisfazer a interessada curiosidade que o devorava.

Mal elle sabia o que lhe estava preparado para mui proximo, e que nem a mim proprio me era dado suspeitar. Pobre barão!

XXI

Em que o leitor depois de ler varias considerações de inquestionavel gravidade, descobre que o dinheiro dá tudo, mas não livrou de duas bofetadas moraes um sujeito muito nosso conhecido.

Madrid, 9 de abril.

Eu já disse que a *Fuente Castellana* é o passeio mais frequentado de Madrid. Das 5 ¹/₂ da tarde até às 7 acodem ali as principaes familias e personagens da capital em carroagens, na generalidade excellentes, comquanto no arranjo dos criados e na disposição geral estejam mui longe da perfeição ingleza.

Em Inglaterra ha, como em toda a parte, bom e mau, mas quem quizer ter uma boa carroagem, emparelhar bem dois cavallos, arreial-os em harmonia com o todo, e vestir os criados convenientemente, ha-de ir aprender a Londres. E nem todos voltam de lá sabendo. Não falta em Paris quem, á força de

dinheiro e de cuidados, procure imitar os inglezes. Pois difficilmente o consegue. O chapéu de um dos criados, uma chapa dos arreios, uma differença nos cavallos ou qualquer outra cousa insignificante, revelam immediatamente a quasi impossibilidade do intento.

Napoleão III, que em tantas cousas prima, é o unico parisiense cujas carroagens não deslustrariam em *Hyde Park*, a prosapia de um lord inglez. Sua Magestade Imperial viveu durante muitos annos em Inglaterra. São-lhe, pois, familiares os usos, costumes, inclinações, methodo e gosto dos filhos da velha Albion. Mas, com ser imperador e tão poderoso, os seus melhores cocheiros francezes são uns reles maioraes de diligencia em comparação dos cocheiros de qualquer aristocrata da Grã-Bretanha.

O verdadeiro autemedonte nasce, cresce, educa-se, vive, reina e morre em Londres. A sua raça é tão pura como o sangue dos cavallos que dirige. Se o levam para sitio donde não veja as arvores de *Kensingtongardens*, definha e succumbe, victima de incuraveis accessos nostalgicos.

O cocheiro inglez póde andar trajado como quizer; ir a pé ou a cavallo, em *cab* ou *handsome*, é sempre o mesmo auriga. Basta vê-lo para lhe advinhar a profissão. O cocheiro hespanhol não. Falta-lhe o orgulho do seu nobre estado, e sobejam-lhe humilhações.

Eu todos os dias noto na *Fuente Castellana* que

os homens que governam os cavallos d'aquellas carroagens, fóra do exercicio que ali cumprem, podiam passar por honrados escrivães, escrupulosos procuradores de causas, estudantes distinctos, advogados sisudos, e até deputados de provincia.

Dir-se-hia, ao vê-los, que os envergonha o cargo, e que lhes passaria ás vezes pela cabeça o pensamento de repetirem ao menos o

Nos quoque gens sumus, et carruajare sabemos

do Palito-Metrico, se, felizmente, o latim, mesmo macarronico, lhes não fosse inteiramente desconhecido.

No sitio onde giram as carroagens marcaram uma geira em todo o cumprimento para os passeios equestres; entretanto o numero das senhoras que ali vão a cavallo é muito limitado. Dos dois lados passeia-se a pé, e ao que fica ao nascente dão os elegantes a preferencia.

No dia seguinte ao dos successos de que o leitor teve conhecimento no capitulo anterior, fui á tarde passear á *Fuente Castellana* a pé. Pelo caminho vieram-me á lembrança todos os incidentes do negocio de D. Julio e de Margarida de Belta, e pareceu-me que era tempo de me retirar da scena. Pesava-me, todavia, fazel-o sem livrar o barão da tempestade que elle provocára, e de que poderia facilmente ser victima.

Esta benevolencia para com um ridiculo intrigante ha de parecer estranha a quem não tiver a paciencia de indagar a causa. A mim proprio me espantou um tal sentimento de commiseração, a que, a meu pesar, não podia resistir.

Perguntei á minha consciencia a razão de tanta bondade, e ella respondeu-me cathegoricamente. O barão podia ser victima das suas intrigas. Justo seria o castigo. Mas eu quasi que não tinha direito de infligir-lh'o, sendo o negocio com pessoas estranhas á minha familia. Cumpria-me, pois, destruir o edificio de maldade que elle erguera, porém salvá-lo da catastrophe.

E tambem, dizia eu em moralissimo soliloquio, se a lição lhe aproveitar sem que se saiba, pôde emendar-se e vir a ser um homem honrado. A sua posição e riqueza, grande ou pequena, collocam-o ao abrigo de muitas faltas, que neste mundo resultam, aos milhares, da ausencia daquelles dois dotes. Ensinar-lhe a moderar as más paixões, e a combater para as vencer, é abrir-lhe a porta da emenda da vida.

Nesta cogitação fui descendo a *calle de Alcalá*, e dirigindo-me para a *Fuente Castellana*. Ao chegar á casa da moeda, que me pareceu quasi concluida, vi o barão em um *tilbury* com um pequeno *jockey* muito deitado para traz, como já foi moda em Paris, porém moda de pouco tempo. Dentro de seis mezes não apparecia um. Pobres *jockeys!* Es-

tavam no hospital com padecimentos da espinha dorsal.

O barão percorreu duas vezes o passeio, e veio apear-se perto do sitio onde me avistára. Procurava mostrar-se alegre, mas não o estava. Distrahia-se às vezes, e apparentava uma agitação que parecia juvenil e folgazã, porém era unicamente nervosa. O que se passára com elle nas ultimas quarenta e oito horas confundira as poucas idéas que havia naquelle cerebro, e nesta situação os instinctos covardes dominavam-o violentamente. O barão tinha medo.

Fallei-lhe com muita amabilidade. Dei-lhe o braço, e procurei adquirir a sua confiança, sem perder um ápice da autoridade que adquirira na véspera. Eu carecia de ambas para alcançar o fim que desejava. A mais difficil de obter era a confiança. Elle sabia-me adversario seu no negocio de Relta, e amigo dos de Lovera, e julgava-me mais intimo de D. Julio do que na realidade eu podia ser. Assim, neste ponto, a nossa conversação ficava sujeita á mais cautelosa reserva da parte do barão; se eu não conseguisse transformar em melhor sentimento as desconfianças daquella alma amedrontada.

Os mais perigosos entre todos os desconfiados são os estúpidos. Tomam a suspeita por certeza e procedem como se fôra verdade o que é simples desconfiança. Os homens intelligentes que adoecem — coitados! — de tão incommoda enfermidade, não

succumbem ao primeiro accêso. Como examinam e discutem, antes de resolverem definitivamente, eram menos do que os outros. Com o desconfiado estúpido não ha relações que se não quebrem a cada instante. É quasi sempre a unica victima da condição debil do seu character.

A esta ultima especie pertencia o barão. Não procurava ter amigos, porque lhe parecia que para logo se transformariam em desaffeitados e invejosos, mas augmentava cada dia o numero dos conhecidos, e gastava com elles largamente em festas, almoços, jantares e partidas de campo. Queria ter côrte, como todos os vaidosos, em cujas fileiras se encontra o maior numero dos desconfiados. O maior numero? Talvez todos.

Fomos passeando até á fonte que dá nome ao passeio, e ali convidei o barão a entrar comigo em uns jardins que estão na extremidade da carreira das carroagens. Conheceu, de certo, que eu lhe desejava fallar em particular, porque annuiu á minha proposta immediatamente, como quem apreciava a importancia do que eu teria para lhe communicar.

Encontramos um banco de pedra deserto, e o barão tomou lugar, depois de sacudir com um lenço a geral poeira madrilena, e de me indicar o lugar da direita para que me sentasse tambem. Preferi ficar de pé. Queria estar bem defronte do barão. Lôr na sua phisionomia a sensação das minhas pa-